

# Álvaro de Campos: dois poemas na Coleção Fernando Távora

Filipa de Freitas\*

## Palavras-chave

Fernando Távora, Fernando Pessoa, Raul Leal, Álvaro de Campos.

## Resumo

Dois poemas dactilografados de Álvaro de Campos foram encontrados na Coleção de Fernando Távora, no Porto. Estes testemunhos, que pertenceram a Raul Leal, são, pelas suas características materiais, idênticos aos do espólio de Fernando Pessoa. Pretende-se, assim, apresentar estes documentos e a proximidade que os caracteriza.

## Keywords

Fernando Távora, Fernando Pessoa, Raul Leal, Álvaro de Campos.

## Abstract

In Fernando Távora's private collection, at Oporto, two typed documents have been found containing poems of Álvaro de Campos. These copies belonged to Raul Leal, and are similar to the ones found in Fernando Pessoa's literary estate. We present these documents and the connections between them.

---

\* Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos; Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Teatro.

Na Colecção Fernando Távora, no Porto, encontraram-se diversos documentos relacionados com a “Geração de *Orpheu*”. Fernando Pessoa é um dos autores representados nesta colecção<sup>1</sup>, mas também o seu heterónimo Álvaro de Campos, com os poemas “Addiamento” e “No conflicto escuro e bêsta”, pertencentes ao espólio de Raul Leal. Este espólio é um dos núcleos pertencentes à colecção Fernando Távora.<sup>2</sup> Como se sabe, nenhum destes poemas é inédito, mas a comparação dos papéis com os autógrafos do espólio pessoano permite constatar que se trata de cópias outrora pertencentes ao poeta de *Mensagem*.

“Addiamento” é um poema datado de 14 de Abril de 1928, publicado duas vezes durante a vida de Pessoa: no primeiro número da *Revista da Solução Editora*, em 1929, e no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes* (Anexo IV), no ano seguinte<sup>3</sup>. Para além destes testemunhos impressos, existe, no espólio pessoano, uma folha de papel dactilografada a tinta azul, com a data do poema no canto esquerdo inferior – “14/04/1928” – e a assinatura de Álvaro de Campos no canto direito inferior da folha – “ALVARO DE CAMPOS”. O testemunho encontrado na colecção Fernando Távora (Anexo III)<sup>4</sup> é, pelas suas características materiais, uma cópia em papel químico<sup>5</sup> do testemunho dactilografado do espólio de Pessoa (Anexo II). Salienta-se, no entanto, uma ligeira diferença entre os testemunhos: a primeira tem a data riscada, a tinta preta, desconhecendo-se se esta intervenção manuscrita foi feita por Pessoa ou por um contemporâneo a quem pertencera a cópia, embora Fernando Távora sugira que se trata provavelmente de uma alteração feita por Pessoa. A propósito da aquisição deste dactiloscrito e do seu possível percurso, o arquitecto Fernando Távora deixou uma longa nota (Figs. 1 a 6):

“Addiamento” não é a única cópia de um poema de Álvaro de Campos na colecção portuense. Uma cópia em papel químico do poema que começa “No conflicto escuro e bêsta”, de c. 1931, foi encontrada na Colecção Fernando Távora (Anexo VI). Também há uma cópia desse poema, dactilografado a tinta preta, com a assinatura final “Alvaro de Campos”, no espólio de Pessoa (Anexo V). Este poema não foi publicado durante a vida de Pessoa, mas apenas em 1990, na edição crítica de Cleonice Berardinelli. O desconhecimento do poema despertou o interesse de Távora, que acrescentou, numa folha à parte, um comentário (Figs. 7 e 8).

<sup>1</sup> PIZARRO (2017b), no artigo “Poemas e documentos inéditos: o lote 31 e a colecção Fernando Távora”, esclarece a variedade de autores que se encontram representados na respectiva colecção.

<sup>2</sup> Veja-se a transcrição do meta-arquivo da colecção Fernando Távora, levada a cabo por Fernanda VIZCAÍNO (2017), que inclui referências ao espólio de Raul Leal.

<sup>3</sup> O arquitecto Fernando Távora adquiriu um exemplar desta obra em 24 de Fevereiro de 1975, segundo um recibo encontrado na colecção.

<sup>4</sup> Esta cópia foi exposta no I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, no Porto, em 1978.

<sup>5</sup> O papel químico ou papel-carbono, criado em 1801 por Pellegrino Turri, foi muito usado na cópia de documentos dactilografados. Trata-se de um papel com uma face impregnada de uma camada de tinta ou de um pigmento, que é transferido quando a outra face (sem tinta) entra em contacto com o documento que se pretende copiar. Há outros exemplos de cópias em papel químico no espólio de Pessoa (cf. PESSOA, 2000: 442 e 455).

O Addiamento foi publicado (A)  
 - v. 1, no n.º 1 da "Solução  
 Editora" - (p. 4-5). O texto correspon-  
de exactamente ao deste tiposcrito  
com excepção, creio da palavra  
amanhã que ali aparece  
acentuada (amanhã). O número  
 do poema (pode ter sido cedido pelo  
 próprio F. Pessoa. Como foi ele,  
 caso seja este o original, o que  
 creio, pela dactilografia e o seu  
 "tom geral", para as mãos de  
 Raul Leal, ~~em cujo~~

(A)

O *Addiamento* foi publicado  
 a 1.ª vez no n.º 1 da "Solução  
 Editora", - pg. 4-5. O texto correspon-  
 de exactamente ao deste tiposcrito  
 com excepção, creio da palavra  
 amanhã que ali aparece  
 acentuada (*amanhã*). O número  
 [↑ referido] desta revista é de 1929 e o original  
 do poema pode ter sido cedido pelo  
 próprio F[ernando] Pessoa. Como foi êle,  
 caso seja este o original, o que  
 creio, pela dactilografia e o seu  
 "tom geral", para às mãos do  
 Raul Leal, <de onde o> em cujo

espólio se encontrava? Não esquecer  
 que R. Leal colabora no n.º 2 ~~desta~~  
 da Revista "Solução Editora" e estava  
~~próximo~~ muito próximo da sua  
 gente (José Pacheco, C. Queiróz,  
 Mário Saa, José Régio, F. Pessoa,  
 António Botto... etc.)  
 O poema em questão foi publicado,  
 creio que pela primeira vez, no  
 "Cancioneiro" (1930), p. 12-3, c.  
 transcrição rigorosa da "Solução Editora"  
 (incluindo, portanto, o amanhã).  
 Pela terceira vez, continuo a  
 crer, terá sido publicado no  
 "segundo volume" de "Poesia / Fernando

espólio se encontrava? Não esquecer  
 que R[aul] Leal colabora no n.º 2 <desta> [↑?]  
 da Revista "Solução Editora", e estava  
 <portanto> muito próximo da sua  
 gente (José Pacheco, C[arlos] Queiróz,  
 Mário Saa, José Régio, F[ernando] Pessoa,  
 António Botto... etc.)  
 O poema em questão foi publicado,  
 creio que pela segunda vez, no  
 "Cancioneiro", (1930), pág. 12-3, c[om]  
 transcrição rigorosa da "Solução Editora",  
 (incluindo, portanto, o *amanhã*).  
 Pela terceira vez, continuo a  
 crer, terá sido publicado no  
 "segundo volume", de "Poesia / Fernando

(B)

Pessoa, a editorial Confluência, (B)  
~~selecção~~ selecção (Introdução e  
 selecção de Adolfo Casais Monteiro).  
 Esta edição não é datada, mas  
 creio que será anterior à da  
 Ática - "Poesias de Álvaro de  
 Campos", Junho de 1944, onde o  
Addiamento é publicado, continuo  
 a crer, pela 4.ª vez. Nas versões  
 da "Confluência" e da "Ática", o poema  
 aparece com a ortografia actualizada.  
Porém só na versão da "Ática"  
aparece a data do poema  
 14-4-1928, possivelmente colhida no  
 original de F. Pessoa pelos organizadores

Pessoa, da editorial Confluência,  
 <edição antologia> (Introdução e  
 selecção de Adolfo Casais Monteiro).  
 Esta edição não é datada, mas  
 creio que será anterior à da  
 Ática - "Poesias de Álvaro de  
 Campos", Junho de 1944, onde o  
*Addiamento* é publicado, continuo  
 a crer, pela 4.ª vez. Nas versões  
 da "Confluência", e da "Ática", o poema  
 aparece com a ortografia actualizada.  
 Porém só na versão da "Ática",  
 aparece a data do poema,  
 14-4-1928, possivelmente colhida no  
 original de F[ernando] Pessoa pelos organizadores

do volume.  
 O meu tiposcrito tem a data, mas  
 o original (que foi coberto com  
 tinta negra, com intenção que  
 desconheço e por quem eu ignoro.  
 O próprio F. Pessoa? Pelo rigor  
 dos traços a negro, admito que sim.  
 O facto de na "Solução Editora", a poesia  
 aparecer sem data permite-me julgar  
 que este tenha sido o original trans-  
 crito.  
 Creio, aliás, que a data 14/4/1928  
 (chamo a atenção para o pontinho  
 de dactilografia de F.P.) é  
 legível, em parte, no meu tiposcrito:  
~~14/4/1928~~ Será?

do volume.

O meu tiposcrito tem a data, mas  
 é [↑ totalmente] ilegível porque foi coberto com  
 tinta negra, com intenção que  
 desconheço e por pessoa que ignoro.

O próprio F[ernando] Pessoa? Pelo rigor  
 dos traços a negro, admito que sim.

O facto de na "Solução Editora,, a poesia  
 aparecer sem data permite-me julgar  
 que este tenha sido o original trans-  
 crito.

Creio aliás, que a data 14/4/1928.

(chamo a atenção para o pontinho  
 característico da dactilografia de F[ernando] P[essoa]) é  
 legível, em parte, no meu tiposcrito.

<14/4/1928> Será?

Este original figurou na  
 Exposição realizada durante o 1.<sup>o</sup>  
 Congresso de Estudos Pessoaanos  
 (n.º 60 do Catálogo)

Este original figurou na  
 Exposição realizada durante o 1.<sup>o</sup>  
 Congresso de Estudos Pessoaanos  
 (n.º 60 do Catálogo)

(C)

Este original figurou na  
 Exposição realizada durante o 1.<sup>o</sup>  
 Congresso de Estudos Pessoaanos  
 (n.º 60 do Catálogo)

Figs. 1 a 6. Notas de Fernando Távora sobre  
 "Addiamento".

A estuda este poema, que  
veio do espólio n. R. Leal.  
Não vem publicado em Galhoz -  
"Obra poética" e o tema dá-lhe  
um ar de humor e circunstân-  
cia. Não sei a q[ue] se refere em  
pormenor mas creio que a um caso  
de aumento do custo da  
luz e à respectiva reacção por  
parte dos lojistas.  
Pode tratar-se de uma versão  
de um original de F[ernando] P[essoa] que tenha  
circulado entre amigos. A confir-

mar no espólio do poeta.

A estudar este poema, que  
veio do espólio de R[aul] Leal.  
Não vem publicado em Galhoz -  
"Obra poética," e o tema dá-lhe  
um ar de humor e circunstân-  
cia. Não sei a q[ue] se refere em  
pormenor mas creio que a um caso  
de aumento do custo da  
luz e à respectiva reacção por  
parte dos lojistas.

Pode tratar-se de uma versão  
de um original de F[ernando] P[essoa] que tenha  
circulado entre amigos. A confir-

mar no espólio do poeta.

Figs. 7 e 8. Notas de Fernando Távora sobre "No  
conflicto escuro e bêsta".

A leitura de “No conflicto escuro e bêsta” sugere, como Távora presume, que se trata de uma sátira sobre o aumento do preço da luz, pelas Companhias Reunidas de Gás e Electricidade (CRGE), que originou revolta por parte da Associação dos Lojistas de Lisboa. O início da década de 30 é uma época conturbada, marcada por projectos de electrificação da cidade e de desenvolvimento de centrais de electricidade, cujo custo dos investimentos e das matérias-primas implicava a regulação do seu preço.<sup>6</sup> O poema não é o único caso de uma veia mais jocosa de Pessoa, sob a assinatura de Campos, de que há, pelo menos, mais um exemplo, no poema “Ai, Margarida”.<sup>7</sup>

A informação de que dispomos não permite confirmar a hipótese levantada por Távora sobre o percurso da cópia nas mãos de vários contemporâneos de Pessoa. O que sabemos, no entanto, segundo um dos apontamentos de Távora, é que as cópias dos poemas foram localizadas entre os papéis de Raul Leal, que Távora comprou, em 23 de Dezembro de 1977, ao alfarrabista Manuel Ferreira, no Porto, por 15.000\$00.

A presença de cópias de escritos de Fernando Pessoa em espólios alheios, de contemporâneos com os quais o poeta teria privado, não é de todo inédita. A revisitação da obra pessoana, especialmente a do seu heterónimo Campos, tem revelado a dificuldade de fixar a sua obra completa, sujeita não só a releituras, apuramentos textuais e até, por vezes, à descoberta de inéditos – não obstante as diversas edições que têm sido feitas nas últimas décadas –, mas também à localização de novos testemunhos fora do espólio pessoano depositado na Biblioteca Nacional de Portugal (ver, por exemplo, PIZARRO, 2017a). Deste modo, a recente descoberta de cópias no espólio de Raul Leal vem completar a informação sobre a obra de Campos.

Segue-se, assim, a transcrição dos respectivos textos, assim como as imagens correspondentes do espólio de Fernando Pessoa e da colecção Fernando Távora.

---

<sup>6</sup> Matos salienta a dificuldade na regulação dos preços da electricidade: “Um dos problemas que sempre se colocou na criação dos serviços de fornecimento de bens essenciais no conforto e bem-estar das populações, como era o caso do abastecimento de água ou de fornecimento de electricidade, foi o preço desses mesmos serviços. Num país com baixos rendimentos *per capita*, os preços praticados afastavam desses bens uma grande parte da população urbana, que dificilmente conseguia inserir no seu orçamento rubricas destinadas ao pagamento da electricidade ou da água” (MATOS, 2004: 323).

<sup>7</sup> “Ai, Margarida, | Se eu te dêsse a minha vida, | Que farias tu com ella? | – Tirava os brincos do prego, | Casava c’um homem cego | E ia morar para a Estrella. || Mas, Margarida, | Se eu te dêsse a minha vida, | Que diria tua mãe? | – (Ella conhece-me a fundo.) | Que ha muito parvo no mundo, | E que eras parvo. || E, tambem Margarida, | Se eu te dêsse a minha vida | No sentido de morrer? | – Eu iria ao teu enterro, | Mas achava que era um erro | Querer amar sem viver. || Mas, Margari-da, | Se este dar-te a minha vida | Não fôsse senão poesia? | – Então, filho, nada feito. | Fica tudo sem effeito. | Nesta casa não se fia.” (PESSOA, 2014: 193-194)

## Anexos

I. "Addiamento", dactiloscrito localizado no espólio de Fernando Pessoa (BNP/E3, 70-39<sup>o</sup>)

70-39  
h. 264 - 265

ADDIAMENTO  
-----

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...  
 Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,  
 E assim será possível; mas hoje não...  
 Não, hoje nada; hoje não posso.  
 A persistência confusa da minha subjectividade objectiva,  
 O somno da minha vida real, intercalado,  
 O cansaço antecipado e infinito,  
 Um cansaço de mundos para apanhar um electrico...  
 Esta especie de alma... Só depois de amanhã...


Hoje quero prepara-me,  
 Quero prepara-me para pensar amanhã no dia seguinte...  
 Elle é que é decisivo.  
 Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...  
 Amanhã é o dia dos planos.  
 Amanhã sentar-me-hei á secretaria para conquistar o mundo;  
 Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...  
 Tenho vontade de chorar,  
 Tenho vontade de dar muito de repente, de dentro...  
 Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.  
 Só depois de amanhã...  
 Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.  
 Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha  
 infancia...

Depois de amanhã serei outro,  
 A minha vida triumphar-se-ha,  
 Todas as minhas qualidades reaes de intelligente, lido e prác-  
 tico  
 Serão convocadas por um edital...  
 Mas por um edital de amanhã...  
 Hoje quero dormir, redigirei amanhã...  
 Por hoje, qual é o espectáculo que me repetiria a infancia?  
 Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,  
 Que depois de amanhã é que está bem o espectáculo...  
 Antes, não...  
 Depois de amanhã terei a pose publica que amanhã estudarei.  
 Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser.  
 Só depois de amanhã...  
 Tenho somno como o frio de um cão vadio.  
 Tenho muito somno.  
 Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...  
 Sim, talvez só depois de amanhã...

O porvir...  
 Sim, o porvir...

ALVARO DE CAMPOS

14/4/1928.



## II. "Addiamento", dactiloscrito pertencente à colecção Fernando Távora

## ADDIAMENTO

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...  
 Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,  
 E assim será possível; mas hoje não...  
 Não, hoje nada; hoje não posso.  
 A persistência confusa da minha subjectividade objectiva,  
 O sono da minha vida real, intercalado,  
 O cansaço anticipado e infinito,  
 Um cansaço de mundos para apanhar um electrico...  
 Esta especie de alma... Só depois de amanhã...

Hoje quero preparar-me,  
 Quero prepara-me para pensar amanhã no dia seguinte...  
 Elle é que é decisivo.  
 Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...  
 Amanhã é o dia dos planos.  
 Amanhã sentar-me-hei á secretaria para conquistar o mundo;  
 Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...  
 Tenho vontade de chorar,  
 Tenho vontade de dar muito de repente, de dentro...  
 Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.  
 Só depois de amanhã...  
 Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.  
 Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha  
 infancia...

Depois de amanhã serei outro,  
 A minha vida triumphare-ha,  
 Todas as minhas qualidades reaes de intelligente, lido e prác-  
 tico  
 Serão convocadas por um edital...  
 Mas por um edital de amanhã...  
 Hoje quero dormir, redigirei amanhã...  
 Por hoje, qual é o espectáculo que me repetiria a infancia?  
 Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,  
 que depois de amanhã é que está bem o espectáculo...  
 Antes, não...  
 Depois de amanhã terei a pose publica que amanhã estudarei.  
 Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser.  
 Só depois de amanhã...  
 Tenho sono como o frio de um cão vadio.  
 Tenho muito sono.  
 Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...  
 Sim, talvez só depois de amanhã...

O porvir...  
 Sim, o porvir...

ÁLVARO DE CAMPOS



## III. "Addiamento", transcrição do dactiloscrito da colecção Fernando Távora

ADDIAMENTO  
-----

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...  
 Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,  
 E assim será possível; mas hoje não...  
 Não, hoje nada; hoje não posso.  
 A persistencia confusa da minha subjectividade objectiva,  
 O somno da minha vida real, intercalado,  
 O cansaço anticipado e infinito,  
 Um cansaço de mundos para apanhar um electrico...  
 Esta especie de alma...  
 Só depois de amanhã...  
 Hoje quero preparar-me,  
 Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...  
 Elle é que é decisivo.  
 Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...  
 Amanhã é o<sup>8</sup> dia dos planos.  
 Amanhã<sup>9</sup> sentar-me-hei á secretaria para conquistar o mundo;  
 Mas só conquistarei<sup>10</sup> o mundo depois de amanhã...  
 Tenho vontade de chorar,  
 Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...  
 Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não<sup>11</sup> digo.  
 Só depois de amanhã...  
 Quando era creança o circo de domingo divertia-me toda a semana.  
 Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infancia...  
 Depois de amanhã serei outro,  
 A minha vida triumphar-se-ha,  
 Todas as minhas qualidades reaes de intelligente, lido e práctico  
 Serão convocadas por um edital...  
 Mas por um edital de amanhã...  
 Hoje quero dormir, redigirei amanhã...  
 Por hoje, qual é o espectáculo que me repetiria a infancia?  
 Mesmo para eu comprar os bilhetes<sup>12</sup> amanhã,  
 Que depois de amanhã é que está bem o espectáculo...

---

<sup>8</sup> o ] omitido no impresso do Cancioneiro.

<sup>9</sup> A<a>/m\anhã

<sup>10</sup> con<s>/q\uistarei

<sup>11</sup> n<m>/ã\o

<sup>12</sup> b<o>/i\lhetes

Antes, não...

Depois de amanhã terei a pose publica que amanhã<sup>13</sup> estudarei.

Depois de amanhã serei finalmente<sup>14</sup> o que hoje não posso nunca ser.

Só depois de amanhã...

Tenho somno como o frio de um cão vadio.

Tenho muito somno.

Amanhã<sup>15</sup> te direi as palavras, ou depois de amanhã...

Sim, talvez só depois de amanhã...

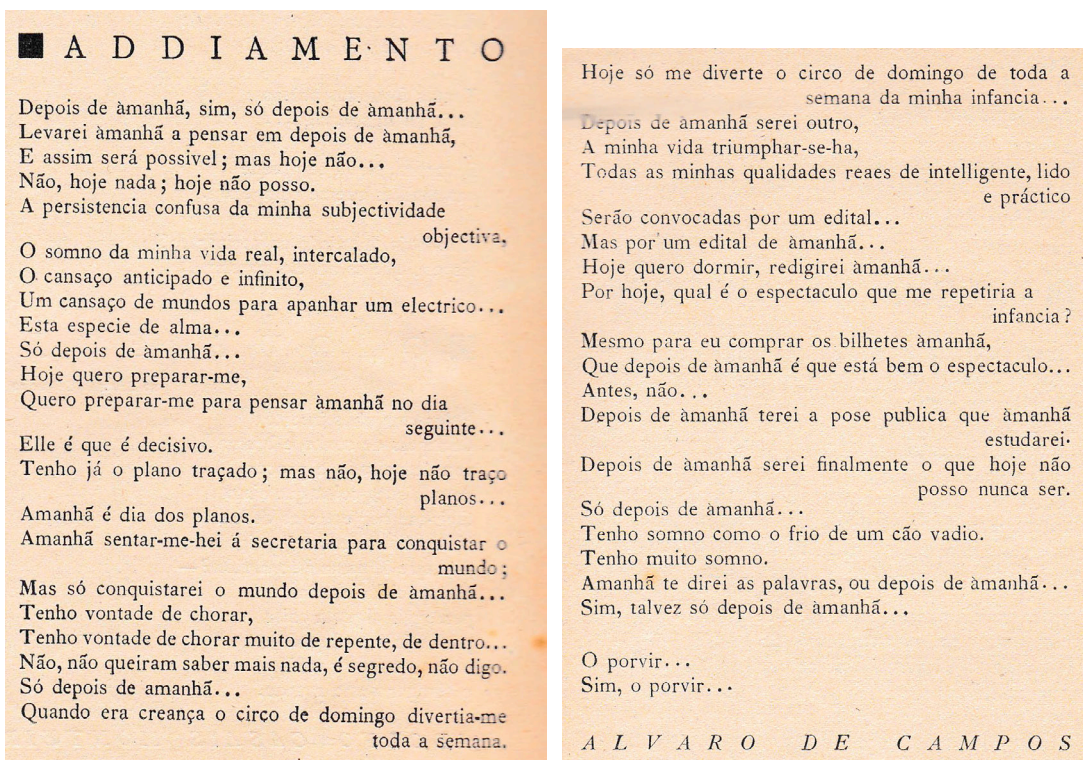
O porvir...

Sim, o porvir<sup>16</sup>...

ALVARO DE CAMPOS

14/4/1928.

#### IV. "Addiamento", *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*



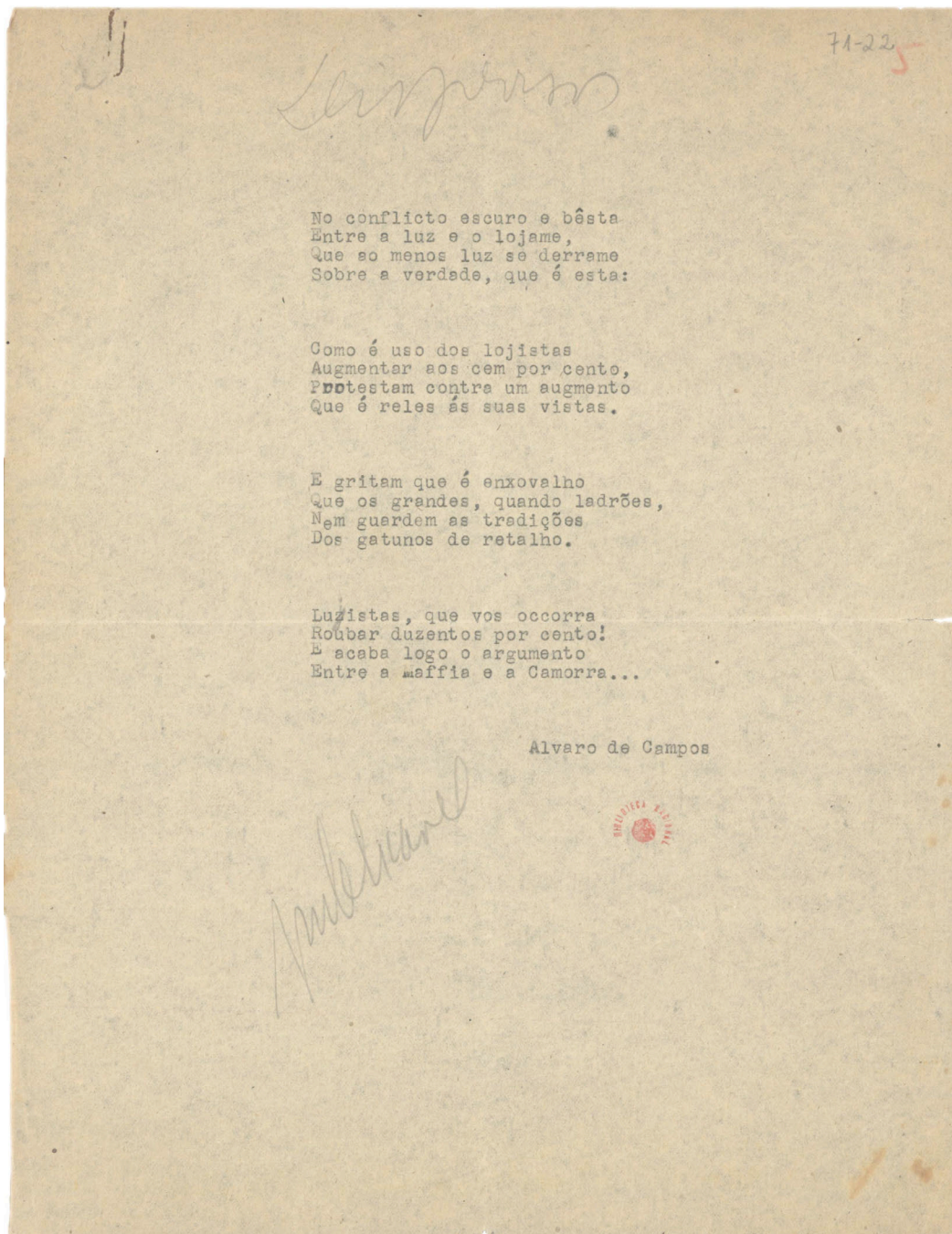
<sup>13</sup> am<nh>/an\hã

<sup>14</sup> f<a>/i\n<i>/a\lmente

<sup>15</sup> A<a>manhã

<sup>16</sup> porv<o>/i\r

V. "No conflicto escuro e bêsta", dactiloscrito localizado no espólio de Fernando Pessoa (BNP/E3, 71-22<sup>r</sup>)



VI. "No conflicto escuro e bêsta", dactiloscrito pertencente à colecção Fernando Távora

No conflicto escuro e bêsta  
Entre a luz e o lojame,  
Que ao menos luz se derreme  
Sobre a verdade, que é esta:

Como é uso dos lojistas  
Augmentar aos cem por cento,  
Protestam contra um augmento  
Que é reles ás suas vistas.

E gritem que é enxovalho  
que os grandes, quando ladrões,  
Nem guardem as tradições  
Dos gatunos de retalho.

Luzistas, que vos ocorra  
Roubar duzentos por cento!  
\* acaba logo o argumento  
Entre a Maffia e a Camorra...

Alvaro de Campos

## VII. “No conflicto escuro e bêsta”, transcrição do dactiloscrito da colecção Fernando Távora

No conflicto escuro e bêsta  
 Entre a luz e o lojame,  
 Que ao menos luz se derrame  
 Sobre a verdade, que é esta:

Como é uso dos lojistas  
 Augmentar aos cem por cento,  
 Protestam<sup>17</sup> contra um augmento  
 Que é reles ás suas vistas.

E gritam que é enxovalho  
 Que os grandes, quando ladrões,  
 Nem guardem as tradições  
 Dos gatunos de retalho.

Luzistas<sup>18</sup>, que vos ocorra  
 Roubar duzentos por cento!  
 E acaba logo o argumento  
 Entre a Maffia e a Camorra...

---

<sup>17</sup> P<or>/ro\testam

<sup>18</sup> Lu<z>/j\istas: no testemunho do espólio de Fernando Pessoa, encontra-se uma correcção posterior a lápis, provavelmente da autoria do poeta, que está ausente do testemunho da colecção Fernando Távora. Não sabemos se esta correcção corresponde à versão final do autor, mas tendo em conta que a emenda não contemplou a vogal anterior do substantivo – de “u” para “o” –, o que implicaria a fixação de “Lujistas” (ao invés de “Lojistas”, como ocorre anteriormente no poema), optou-se por manter a versão dactiloscrita. Como desconhecemos o intuito do autor, põe-se ainda a hipótese de a correcção não pretender mudar o sujeito do verso – de “Luzistas” para “Lojistas” –, mas de ser um jogo que junta “luzistas” e “lojistas”, concentrando no substantivo esta dupla leitura. É importante notar que, em qualquer uma das hipóteses, a correcção altera substancialmente a interpretação da última quadra, e que a alteração não consta da cópia de Raul Leal localizada na colecção Fernando Távora.

## Bibliografia

- CENTRO DE ESTUDOS PESSOANOS (1978). *1.º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos | Minha Pátria É a Língua Portuguesa — Exposição Iconográfica e Bibliográfica*. Catálogo da Exposição. Impr. Rocha Artes Gráficas.
- MATOS, Ana Cardoso; FARIA, Fernando; CRUZ, Luís (2004). *A Electricidade em Portugal: dos primórdios à 2ª Guerra Mundial*. Lisboa: EDP/Museu da Electricidade.
- PESSOA, Fernando (2004). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e António Cardiello, com a colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Poemas 1934-1935*. Edição de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa.
- PIZARRO, Jerónimo (2017a). “Álvaro de Campos Revisited”, in *Estudos Regianos*, n.º 22-23, Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, pp. 67-90, <http://joseregio-cer.pt/index.php/o-boletim/>
- PIZARRO (2017b). “Poemas e documentos inéditos: o lote 31 e a colecção Fernando Távora”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 333-456.
- VIZCAÍNO (2017). “O Meta-arquivo da Colecção Fernando Távora”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 18-81.